

Um pacto perigoso

CARLOS MONFORTE

O País começa a ficar quente, se preparando para os novos tempos do governo Fernando Henrique. Quente pelo verão que vem com tudo, quente pelas mudanças políticas, e quente até pelo aquecimento da economia, pela volta prematura de uma inflação que já chega a preocupar. Mas o que provoca mais alívio é saber que o País voltou a andar, saiu daquele marasmo irritante que começa a deslanchar rumo ao ano que vem.

Economia e política, porém, não têm geração espontânea. Elas fazem parte, são consequência de fatos gerados e amadurecidos, e é isso o que tem germinado nos corredores do Congresso e nas reuniões que têm brotado na ante-sala do novo governo. Tudo no mais perfeito silêncio, como as reuniões que preparam as ações de guerra dos militares ao tráfico, aos crimes do Rio. O pacto de silêncio é a mais nova mania das autoridades brasileiras. O que não casa bem com o espírito da imprensa.

E se não tem informação, dá-lhe especulação. E a especulação desta semana trata da retomada do comando da equipe econômica pelo ex-ministro Fernando Henrique Cardoso, hoje presidente eleito. Bastou sair esta "notícia", para o futuro ministro Paulo Renato de Souza despençar sobre a imprensa, na porta do Alvorada, para desmenti-la. Ora, antes de vir à tona a contra-especulação, não seria mais inteligente desarmar a especulação? Imprensa não vive sem notícia, e vai buscá-la por caminhos os mais inimaginados.

O que quero dizer com tudo isso é que talvez o primeiro nome que Fernando Henrique devesse escolher fosse o do secretário de imprensa, do portavoz, ou coisa que o valha, se não quiser, no final de cada dia, ter o trabalho de desativar as armadilhas montadas pela estrada. A imprensa planta, chuta, especula, pelo simples fato de que não vive sem informação, principalmente no momento de formação de um novo governo.

Não estamos mais na época do re-

gime autoritário, quando o general-presidente de plantão fazia e desfazia, não tinha satisfações a dar. Está bem que Fernando Henrique já deu suculentas entrevistas coletivas, já falou nas ruas de Budapeste e Praga, pede sempre sugestões a jornalistas, trata a imprensa que está por perto com a maior gentileza, o que era incomum nos regimes de força. Mas a imprensa quer mais: quer informações diárias, precisas, ou pelo menos algo que acenda uma luz no fim do túnel, e deixe tranqüilo o chefe da redação.

Por exemplo: depois de cinco horas de reunião, debaixo de uma expectativa de uma inflação de quatro por cento em dezembro, e com uma inflação de três, em novembro, não é possível que o coordenador do programa econômico saia dessa mesma reunião e diga, candidamente: não se tratou disso lá dentro, só tratamos de futuro. Ora, como tratar do futuro sem analisar o presente? Como acreditar nisso depois de cinco horas de reunião de uma equipe que montou um plano exatamente para acabar com a inflação e estabilizar a moeda?

Não se pede que o presidente eleito dê a cada dia um entrevista coletiva. Não. O que se pede é mais respeito aos jornalistas e ao povo em geral, que votou em Fernando Henrique, que quer seu bem e quer saber também como andam seus encontros, o que ele está pensando. Pelo menos algum fiapo de suas idéias. Tanto sigilo, tanto segredo assim, vai acabar gerando um monstro como o primeiro ministério Collor, que na primeira curva se mostrou inepto e empacou na caixa de brita.

Ou o presidente equaciona este delicado problema, sistematizando seus canais de informação, ou acaba começando mal, tropeçando em desmentidos, e perdendo um tempo danado, um esforço inútil, que poderia ser direcionado, gasto com outros problemas. Mas ainda há tempo de sanar o mal. Mesmo com o pacto de silêncio em plena vigência.

■ Carlos Monforte é jornalista